

Iara, história e cotidiano

Iara

PATARRA, Judith Lieblich.

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, 520 p.

"Foi uma geração que viveu os êxtases e desgraças das revoluções. Madrugadas luminosas e sombrios tempos sem perdão"¹.

Iara, filha de David e Eva Isvelberg, um casal judeu de classe média, nasceu a 7 de maio de 1944, no bairro Ipiranga, em São Paulo. Suicidou-se a 20 de agosto de 1971, em Salvador, Bahia. O aparelho em que vivia - um apartamento no bairro Pituba - estava cercado. Iara preferiu disparar um tiro em seu coração a ser presa pela polícia política.

Vinte e um anos depois, sua história acaba de ser minuciosamente reconstituída nas mais de quinhentas páginas da reportagem biográfica, subtítulo de *Iara*, da jornalista Judith Lieblich Patarra (editora Rosa dos Tempos).

"Durante muito tempo as mulheres foram deixadas à sombra da História", escrevem Michelle Perrot e Georges Duby na apresentação de sua *História das Mulheres*². Os autores recusam, no entanto, a idéia de que as mulheres sejam, enquanto tais, um objeto de história, explicando que

"é seu lugar, sua 'condição', seus papéis e seus poderes, suas formas de ação, seus silêncios e sua palavra, que nós pensamos perquirir, a diversidade de suas representações - Deusa, Madona, feiticeira... - que queremos aprender na sua permanência e em suas mutações"³.

Não sendo historiadora de profissão, Judith Patarra conseguiu em grande medida alcançar esse objetivo através de um

paciente e criterioso trabalho de pesquisa que restitui não só a trajetória de sua personagem como o tempo e as circunstâncias em que viveu.

A biografia, que parece experimentar um processo de renovação a partir de novos aportes da historiografia e da antropologia, é pouco desenvolvida no Brasil. As exceções, como o excelente estudo sobre Stefan Zweig, publicado há alguns anos pelo também jornalista Alberto Dines⁴, que prefacia o livro de Patarra, apenas confirmam a regra. Considerada por muitos como gênero menor, a biografia sofreu o 'desprestígio' de ver-se confundida com a literatura de ficção. Esta contaminação acabou por confiná-la à categoria de entretenimento. Biografias passaram a ser livros reservados para os períodos de férias, junto com romances policiais e de ficção científica, todos destinados a arejar a cabeça...

A crítica (e a crise) da História *éventuelle* ajudavam a banir o indivíduo das preocupações historiográficas, substituindo-o pelo interesse pelas estruturas, pelas classes, pelos grandes ciclos históricos, sem cuja compreensão se dizia ser impossível qualquer análise consistente.

Monumentos biográficos - como o Trotsky e o Stalin, de Isaac Deutscher - figuraram durante muito tempo, junto com poucas outras obras, como referências isoladas, incapazes de desencadear uma reorientação mais consistente dos estudos históricos em direção à análise das trajetórias de vida.

Alguns dirão que a reemergência do gênero biográfico está ligada ao aguçamento do fenômeno do voyeurismo e aos sentimentos narcísicos que marcam estes tempos de pós-modernidade. Mas a historiografia estruturalista, de inspiração marxista ou não, resulta também da emergência de uma nova historiografia, centrada mais nos sujeitos, atores e personagens e em suas

¹ SOUZA LOBO, Elisabeth, *Emma Goldman A vida como revolução* São Paulo Brasiliense, 1983, p 85

² DUBY, Georges e PERROT, Michelle *Histoire des Femmes en Occident*, vol 4 (Le XIXème siècle), Paris Plon, 1991, p 8

³ Op cit , p 8-9.

⁴ DINES, Alberto. *Morte no Paraíso - a tragédia de Stefan Zweig*, Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1981

experiências do que nas estruturas que supostamente os condicionaram⁵.

Finalmente, o gênero biográfico se beneficia (ao mesmo tempo que esclarece) das novas relações que a historiografia estabelece entre o público e o privado. "No limiar do privado, o historiador - tal qual um burguês vitoriano - por muito tempo hesitou, por pudor, incompetência ou respeito ao sistema de valores que fazia do homem público o herói e o ator da única história que valia a pena ser contada: a grande história dos Estados, das economias e das sociedades".

Para que o historiador superasse sua hesitação, foi necessário que o privado se transformasse em algo distinto

"desta zona maldita, proibida e obscura: o amplo espaço de nossas delícias e de nossas servidões, de nossos conflitos e de nossos sonhos; o centro, talvez provisório mas finalmente reconhecido, de nossa vida"⁶.

Em *Iara*, Judith Patarra consegue exorcizar esta maldição do privado e reconstruir a vida de sua biografada articulando as dimensões política e pessoal sem que elas apareçam como mera superposição de suas esferas separadas ou antagônicas.

"A boa biografia - diz Lacouture - deve mostrar não aquilo em que o homem é solitário, mas como ele está entre nós"⁷.

O livro de Judith situa Iara "entre nós", isto é, no contexto de seus contemporâneos, daqueles com os quais conviveu, lutou e aos quais amou

Biografando sua personagem, Judith biografou também uma geração nas suas múltiplas dimensões: culturais, políticas, existenciais. Por esta razão, o foco de luz concentrada sobre a personagem central ilumina ao mesmo tempo todas as "circunstâncias" que a cercam. Mais ainda, o contexto ajuda a construir a personagem.

⁵ THOMPSON, E P. *A Miséria da Teoria*, Rio de Janeiro Zahar, 1981. CASTORIADIS, Cornelius. Introdução a questão da história do movimento operário. In *A experiência do Movimento Operário*, São Paulo Brasiliense, 1985. SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*, São Paulo Paz & Terra, 1988 (Entre muitas outras referências)

⁶ PERROT, Michelle. "Introduction", In ARIES, Philippe e DUBY, Georges *Histoire de la Vie Privée*, vol 4, Paris Seuil, 1987, p 9

⁷ LACOUTURE, Jean *Biógrafo por profissão O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 01 1985, Caderno de Cultura no. 239, p 10 (Publicado originalmente em *Le Nouvel Observateur*)

Reaparecem os espaços de Iara e de sua geração nas evocações da Maria Antônia, onde ficava a Faculdade de Filosofia, da Augusta, templo do consumismo de então, ou dos sombrios aparelhos dos "anos de chumbo".

Reconstrói-se o campo cultural dos sessenta, povoado de referências à música popular brasileira, ao cinema e ao teatro - que ocupavam, o lugar hoje invadido pela TV -, a um marxismo vivo porque distanciado da ortodoxia, quando não em polêmica aberta com ela.

A tudo isso acrescenta-se, uma conjuntura internacional em que seria absurdo falar-se, como hoje se faz, em fim da história.

Com 1968 como referência, Iara e sua geração têm a sensação de "fazer a história", da mesma forma que se fazia nas barricadas de Paris, nos *campi* das universidades nos Estados Unidos, nas montanhas da América Latina ou nas selvas da Indochina.

Esse voluntarismo assume uma dimensão trágica no início dos setenta, quando Iara e seus companheiros aproximam-se da morte, da prisão, da tortura, do exílio ou do "exílio interno", alternativas dramáticas para um irrealismo político suicida.

Se a narrativa evidencia a fragilidade teórica e orgânica da política revolucionária no Brasil e dos jovens que pretendiam ser protagonistas desta aventura, ela restitui em filigrana a disponibilidade, alegria e coragem de uma geração e, sobretudo, o peso dos valores éticos que nutriram - muito mais do que opções fundadas na racionalidade política - os planos de tomar "o céu de assalto".

Dizer que Judith Patarra tirou sua personagem da sombra pode parecer paradoxal para quem chega ao final do livro tendo se deparado com dezenas de depoimentos que mostram uma Iara luminosa, carismática, com uma história de vida paradigmática. Como tirar da sombra alguém que possuía tanta luz?

A expressão pode ser melhor compreendida se se entende o alcance do empreendimento biográfico de Judith

Para os homens e mulheres que conviveram com a personagem, Iara pode ter aparecido sob a dupla imagem de uma bela jovem "liberada" que se encontrava na vanguarda de uma revolução de costumes em curso naquele exato momento. Ao lado da Iara de mil namorados, vaidosa, expansiva, havia a militante que progressivamente se

incorpora à luta revolucionária, pagando ao final com a própria vida seu engajamento.

Ora, o que a autora busca estabelecer é exatamente as conexões destes dois compromissos: o político e o existencial.

Pode-se criticar o psicologismo inconsistente de algumas passagens do livro, como criticável é a falta de densidade literária em alguns momentos da narrativa, onde o estilo 'jornalístico' de Judith fica aquém das circunstâncias narradas. São detalhes, porém, que não comprometem a qualidade maior do livro de ter realizado uma excelente reconstituição da personagem e de seu tempo a partir de uma multiplicidade de fontes testemunhais, perfeitamente articuladas com as fontes documentais e com a restituição contextual do período.

Judith Patarra consegue igualmente realizar o difícil trabalho de mergulhar no passado, fazendo com que um necessário olhar do presente não desfigure o vivido, transformando-o em mera ficção, como tem ocorrido por vezes na historiografia brasileira. Um exemplo deste acerto é o tratamento da condição feminina de Iara. A autora não sucumbe à tentação de transformá-la em uma feminista *avant la lettre*. Menos ainda em uma pós-feminista, defensora da feminilidade.

Sua narrativa constitui-se, porém, em um impressionante mergulho na condição feminina, desde o cenário familiar até as sucessivas experiências de militância, na POLOP, na VPR e na VAR e, finalmente, no antigo MR-8, passando por suas múltiplas aventuras amorosas e pela vivência intensa de suas amizades. Ironia cruel, o gesto final de Iara é noticiado como a morte da 'amante de Lamarca'. Mas o que poderia ser uma operação de confinamento da personagem na sombra da história acaba por transformar-se no seu contrário: na valorização deste espaço privado, até então nebuloso, e na necessidade imperiosa de iluminá-lo e escrutiná-lo para melhor compreender a esfera pública, a qual se considerava território exclusivo da política⁸.

⁸ "Na fronteira entre a prática da vida pública e o território obscuro da vida privada, a presença das mulheres como sujeito/objeto destas abordagens parece natural e recebe um espaço próprio e adequado" SOUZA-LOBO, Elisabeth "Emma Goldman - Revolução e Desencanto: do público ao privado", In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol 9, no 18, p 29, ago/set, 1989

As histórias das esquerdas no Brasil e alhures quase sempre se resumiram à constituição articulada de seu discurso (programas, resoluções, debates) ou de sua ação (greves, mobilizações ou luta armada). Neste tipo, não raro valioso, de texto, perde-se com frequência uma dimensão essencial da história. Esta foi feita por homens e mulheres, de carne e osso, que se construíram dentro de contextos culturais, encarnaram valores éticos e morais, sofreram o peso de suas circunstâncias ao mesmo tempo em que tentavam modificá-las. Viveram e amaram e tudo isso deixou traços em sua ação, pois influiu em seu modo de pensar e de ser.

Assim ocorreu com Iara Isvelberg. Sua trágica e precoce morte, aos 27 anos, pode ter exercido um efeito inibidor para a reconstituição de sua vida. Afinal, a morte costuma desencadear julgamentos simetricamente opostos de indulgência ou de severidade. Judith Patarra não parece ter sucumbido a estas tentações. A visível empatia com seu 'objeto' de estudo não turvou-lhe o olhar e a simpatia que pode aqui e ali parecer diluir-se no tratamento substantivo, onde objetividade não se confunde com frieza.

Escrevendo sobre Iara, a autora reestabeleceu o cotidiano das classes médias cultivadas paulistanas que foram sacudidas pelas graves mudanças que afetaram o Brasil a partir de 1964 e que até hoje se fazem sentir. Mostrou-nos momentos luminosos e tempos sombrios. Enfatizou os exemplos de generosidade, despreendimento, minimizando o lado mesquinho e sórdido presente em todos os tempos sombrios, talvez para não adensar mais a pesada fatura que até hoje está-se pagando.

Ao falar de música, cinema, teatro, bares, moda, sexo, Judith Patarra falou também das grandes questões em jogo naquele momento pois "mais além do anedótico, a história da vida privada é também a história política do cotidiano"⁹

MARCO AURÉLIO GARCIA ■

NOTA DA EDITORIA:

Resenha reproduzida neste número por ter sido omitida involuntariamente parte do texto na REF nº 0.

⁹ PERROT, Michelle. Op. cit., p 13.